



Direção de Atores Usando o Plano Narrativo da Semiótica Greimasiana¹

Arthur MALASPINA JUNIOR²
Monique ALVES CARVALHO³
Josias PEREIRA⁴

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS

Resumo

A direção de atores é um momento muito delicado no processo de uma obra audiovisual, porém ao mesmo tempo esta presa as interpretações diversas oriundas do roteiro e da decodificação que é realizada pelos atores e diretores. A semiótica Greimasiana tem como objetivo procurar descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz, sendo assim diminui a interferência na interpretação do texto com a criação do plano narrativo, o ator e o diretor tem uma visão mais sólida do texto possibilitando uma obra audiovisual mais rica na interpretação.

Palavras-chave

Direção; semiótica; Greimasiana; plano; narrativo.

1. Roteiro

Existem várias definições sobre roteiro ao longo da história cinematográfica, iniciada em 1895 pelos irmãos Lumiere, onde o roteiro ainda era algo que não existia fisicamente. Um tema era escolhido e a câmera registrava a ação. Com a profissionalização do cinema e a mudança de monopólio criativo, sai a figura do diretor idealizador da obra e surge o produtor, que tem por objetivo diminuir custo, e o roteiro passa a ser usado para que toda a equipe saiba o que será realizado, não apenas o diretor. Com o roteiro escrito fisicamente e não imaginado é realizado a decupagem de planos, definição das ações e diálogos que serão realizados. Assim, toda equipe (atores e técnicos) passam a compreender e ter a mesma informação de ação, porém como fica a interpretação do texto pelo diretor e atores?

¹ Exemplo: Trabalho apresentado no Intercom Júnior (IJ) – Jornada de iniciação científica em comunicação na sub-área temática de comunicação audiovisual realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2012.

² Aluno do curso de Teatro-Licenciatura - UFPel

³ Aluno do curso de Teatro-Licenciatura - UFPel

⁴ Orientador do trabalho. Docente da Universidade Federal de Pelotas do curso de Cinema



Um roteiro narra a história que será apresentada de modo imagético. Doc Comparato define “roteiro é a forma escrita de qualquer espetáculo áudio visual” (1983,p15). Todo roteiro tem definido sua ação, ou plot principal. Plot é o núcleo central da ação dramática que será narrado, a história principal. O plot é baseado no Pathos que é o drama humano, o conflito que será criado e depois resolvido. O roteirista usa de signos e símbolos para poder contar a história da melhor maneira para que o receptor possa entender, decodificar a informação. O roteiro é dividido em roteiro técnico que na TV chama Script e roteiro de direção com as definições de planos. Alguns autores Doc Comparato (1983), Hugo Moss (2002), Chris Rodrigues (2007), apresentam definições diferentes para o signo roteiro além da diferença entre argumento e sinopse, e das diferenças entre cinema e TV. No nosso caso iremos abordar o roteiro literal, a história apenas, e sua criação e não formatação. O roteiro é a base da criação de uma obra imagética que possibilitará múltiplas leituras do seu conteúdo através da expressão dada.

O problema da significação está bem no centro das preocupações atuais. [...] Parece-nos que o mundo humano se define essencialmente como o mundo da significação. Só pode ser chamado ‘humano’ na medida em que significa alguma coisa. (GREIMAS, 1973, p.11).

Podemos dizer que o que analisaremos é o percurso da significação, ou seja, é o percurso gerativo de sentido que ocorre entre o plano de expressão e o plano do conteúdo, e de que modo o sentido se realiza, ou seja: o que o texto diz e como diz o que diz.

2. Direção de Atores

Como acontece a direção de atores? Basicamente depois do roteiro escolhido o diretor analisa o texto e começa a decupagem, organiza o roteiro e a escolha dos atores. Segundo Daniel Filho (2001) a escolha dos atores representa 50% da obra audiovisual. Depois desta escolha o diretor e o ator passam a analisar o texto, neste momento a subjetividade do diretor sobre o que o texto diz ,e como diz, é muito importante, e geralmente é esta subjetividade que pode distorcer a visão do diretor. O diretor passa a sua visão do texto para o ator que tenta entender dois pontos: 1º a subjetividade que teve ao ler o texto; 2º entender o que o diretor entendeu do texto. Assim, analisando estes dois pontos o ator cria a sua visão do texto, às vezes distorcida. Mas como fazer esta



visão do diretor e do ator ser única, ou não tão diferente? Apresentamos à comunidade o uso do percurso gerativo de sentido na direção de atores. Mas afinal, o que é o percurso gerativo?

3. Percurso Gerativo de Sentido

A semiótica é o estudo dos signos. O signo, podemos dizer que é a junção do conceito e da palavra, ou seja, o signo é o significante e o significado. Vários autores como Saussure, Hjelmslev (1975), Roland Barthes (1977) e Peirce (2000), apresentam vários conceitos para o signo, que podemos resumir o significante como sendo o conceito, imagem ou áudio de um determinado elemento. Exemplo: vejo um carro e mostro a você; o carro é o significante. Já o significado é inerente a cada um, pois é a imagem mental que se faz do mesmo, sem a presença do significante, ou seja, sem a coisa real. Ao falar carro, você imagina aquele signo sem estar próximo a ele. O significado é como cada um interioriza o elemento concreto do signo. É este elemento que faz a comunicação nem sempre ser efetivada. Exemplo: Casa; o signo casa é a união de sua grafia, que nos protocolos da língua portuguesa se escreve neste encadeamento C+A+S+A, e o seu som. O significado é a Casa em si, física; o objeto. No nosso exemplo a forma de escrita não muda, é fixo dentro do padrão da língua portuguesa, porém a sua imagem mental pode ser alterada, para alguns pode ser uma casa grande, para outras pequena, etc. Ou seja, o objeto representado pode ter seu significado alterado dependendo da cultura e da experiência de vida de cada um, e como cada um internaliza os signos. Segundo Bakhtin (2004, p.31), “tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo o que é ideológico é um signo”.

Greimas (1985) já apresenta a visão da semiótica, como sendo a junção entre o significante e o significado, algo de extrema importância, ou seja, é a significação dada ao significante que cria um significado específico. Segundo Greimas, o leitor cria um esquema narrativo e vai entender o texto em etapas, do mais simples ao mais complexo.

Nível Discursivo - O mais simples, entende o significante;

Nível Narrativo - Apresenta as ações do personagem no seu fazer;

Nível Fundamental – Oposição entre dois termos, entendimento do texto completo.

Para Greimas, o texto apresenta dois planos: o da *expressão* e o do *conteúdo*. *Expressão* seriam os signos não verbais, a atuação do ator dentro de um contexto, e no plano do *conteúdo* podemos, em analogia, colocar o roteiro. No nível Narrativo



encontramos o plano Narrativo, onde o ator age sobre algo que falta, seu desejo¹. O texto irá apresentar a disjunção (falta do objeto) e conjunção (ter o objeto de desejo). Quando o personagem está sem o que deseja, está em disjunção com algo. Ao ficar sem o seu objeto de desejo, o personagem passa por algumas ações que são: manipulação, competência, performance e sanção. Utilizaremos este conceito da semiótica para uma aplicação em prática da direção de atores. O roteiro apresenta vários níveis de análise, dependendo do diretor, atores, equipes e a visão que cada um tem do mesmo.

Nas obras audiovisuais o ator é quem realiza a enunciação, dando vida a mesma. Cada personagem tem o seu desejo que pode ser traduzido em uma modalidade de Saber-Fazer, Poder-Fazer, Dever-Fazer e Querer-Fazer.

Usando a semiótica narrativa vemos que:

Manipulação: A manipulação é algo sutil e feito em cima do desejo, do querer do outro personagem, induzir alguém a fazer algo. Querer fazer, poder fazer.

Competência: O personagem tem e sabe como fazer algo que é preciso, seja através de sua força, inteligência, beleza, ou seja, tem competência para fazer o que é necessário.

Performance: A competência é melhorada com a performance, que irá ajudar a realizar a ação necessária.

Sanção: a recompensa final. O personagem está em disjunção com algo, e no final consegue a sanção, o seu querer entra em comunhão, em junção.

Trabalhar os planos narrativos facilita e até enriquece o trabalho do ator, pois lhe dá mais material para a construção de seu personagem, entendendo os seus desejos. Ao analisar o roteiro especificamente, sem lhe dá margens para subjetividade, o trabalho torna-se mais fiel às ideias do autor e do que deseja passar.

4. Plano Narrativo

Até chegar ao entendimento do ator, o roteiro passa por vários caminhos que podem distorcê-lo e gerar nele inúmeras interpretações. Primeiramente, o roteiro é idealizado pelo autor, e este o “cria” o mais fielmente possível de sua mente para o papel, de modo a tornar claro para futuros leitores seus objetivos com a obra criada. Para concretizar sua ideia usa o código linguístico vigente, a escrita, que já apresenta uma distorção com a ideia original do mundo das ideias. Essa transcrição nem sempre ocorre da melhor maneira, está é a dificuldade de transmitir fielmente o pensamento em

¹ Podemos aqui supor que a base do personagem esta dentro da linha freudiana do desejo.



palavras, de se escrever um roteiro. O contexto sociocultural de cada indivíduo lhe permite estabelecer interpretações variadas de uma obra, por este motivo analisar a mesma no contexto dos planos narrativos impede que a interpretação desta flua para o campo da subjetividade.

O plano narrativo estabelece de forma clara e objetiva uma relação dos desejos do personagem em determinados momentos, baseando-se na semiótica do texto e análise da significação. Esta mudança de estado dos personagens se dá pela conjunção e disjunção destes com os seus desejos. Ao experienciar esta teoria, observamos que para os atores a construção da personagem se tornou mais objetiva, havendo uma melhor visualização dos seus anseios em cada situação pré-estabelecida.

Sendo o primeiro contato com o texto uma leitura feita pelo diretor, o ator foca nas intenções dadas por ele, e isto, em alguns casos, o impede de criar sobre o que lhe foi dado. A análise do texto com base nos planos narrativos, não tem como objetivo limitar a construção de um personagem, e sim, lhe nortear e apresentar a ele os estados da personagem de acordo com as palavras do autor.

4.1. A Experiência

Para analisar este tipo de trabalho convidamos três atores para a realização de um curta metragem, adaptação da obra “*Love Language*”. Assim, analisando o roteiro e passando para os atores os Planos narrativos, realizamos o curta. Ao final, conversamos com os atores a respeito do que acharam sobre o elemento diferente apresentado: o Plano Narrativo na direção de atores.

5. O roteiro- *Love Language*

Roteiro - <i>Love Language</i>²

Sequência 01 – Cena 01 – Rua- Ext/dia
--

Pedro meio irritado andando na rua com a mochila nas costas indo para a biblioteca.
Ele caminha com cadarço desamarrado, para e amarra o cadarço

Sequência 02 – Cena 01 – Biblioteca- Int/dia

Amanda sentada estudando concentrada com o fone no ouvido na biblioteca.
Credito - Dia 1

²Roteiro adaptado do original feito para o projeto The JubileeProjct



Pedro entra na biblioteca, vai até a bibliotecária, procura algo na mochila. Tira um papel todo amassado com o nome do livro e pede por ele. A bibliotecária aponta para onde o livro se localiza. Ele entra na biblioteca e procura o livro.

Ele observa o local do livro e também a menina sentada, olha para ela e sorri. Amanda nem olha para a cara dele. Pedro pega o livro e olha em volta e não há ninguém na biblioteca, apenas Amanda. Pedro pega o livro e se senta do lado dela. Amanda o olha com estranhamento. Ele olha para os lados procurando algo.

Pedro– Me empresta uma caneta?

Amanda aponta os fones, então ele diz fazendo gestos.

Pedro– Uma caneta?

Amanda abre seu estojo e lhe empresta a caneta.

Pedro– Obrigado!

Ele olha pra ela e ri.

Sequência 02 – Cena 02 – Biblioteca- Int/dia

Credito - Dia 2

Ele na biblioteca esperando que Amanda chegar. Depois de muito esperar, ela chega, e senta próxima a ele. A biblioteca está vazia. Pedro levanta e senta do lado dela. Ele a olha pensativo com a intenção de conversar com ela. Ela percebe sua intenção direcionando um sutil olhar a ele que levanta e se senta do lado dela.

Pedro– O que você está ouvindo?

Ela aponta pro fone de ouvido novamente não demonstrando interesse na conversa. Ele insiste e decide escrever. Abre a mochila pega um post it e escreve:

“O que é que você está ouvindo?”

Ela olha o papel e sorri surpresa. Pega o post it e escreve:

“Uma música especial”

Começam a conversar por post it. E vão se acumulando na mesa da biblioteca

A bibliotecária olha para eles de rabo de olho.

Depois de um tempo ele escreve:

“Eu adoraria te ver de novo, me passa seu telefone?”

Amanda responde.

“Não. Eu não tenho.”

Pedro - “Sério. Que mentira terrível!”

Eles riem. A bibliotecária cola um post it sobre os outros dizendo: “SILÊNCIO” e os olha com reprovação e sai. Eles ficam constrangidos e riem da situação.



Continuam conversando pelo post it e ele escreve:

“Te vejo amanhã, então. =)”

Amanda sai.

Sequência 02 – Cena 03 – Biblioteca- Int/dia

Credito Dia 3

Ele chega novamente cedo e a espera ansiosamente. Amanda chega toda molhada guardando o guarda-chuva e cola um post it no livro dele.

“É bom te ver de novo!”

Ele escreve: “Você está atrasada.”

Ela observa suas roupas encharcadas e ri.

Continuam conversando e rindo. Ele cola um post it no ombro dela e ela um em sua testa, e assim vão colando em vários lugares. A bibliotecária os observa e sorri ao notar o clima.

Amanda escreve: “Você ainda quer ouvir minha música?”

Ele responde: “Quero. =)”

Amanda passa os fones para ele.

Pedro coloca os fones, mas não escuta nada.

Pedro– Que estranho! Eu não ouço nada.

Amanda diz que é surda em libras.

Pedro escreve: “Você ainda é linda!”

Amanda olha, e os dois rostos se aproximam.

Neste momento a bibliotecária afasta seus rostos e pisca para a câmera de fundo Pedro e Amanda se beijam..

FIM

Este roteiro foi proposto a três atores, porém, antes de entregar o roteiro realizamos a análise dos planos narrativos tentando entender o texto.

Em primeiro lugar buscamos identificar os personagens, no caso três (Pedro, Amanda e Bibliotecária). Em seguida, tentar entender o nível fundamental onde estão as oposições semióticas, a fim de entender o texto como um todo. No caso, podemos levantar duas hipóteses: preconceito x não preconceito; sonhos x solidão. Esse seria o nível fundamental, através da análise do texto, pelas ações dos personagens.



Pedro – Primeiro o seu desejo é ler o livro para faculdade, em seguida se interessa por Amanda. Aqui percebemos que o interesse de Pedro muda, pois prefere desejar Amanda ao livro.

Amanda – Deseja ler seu livro sem interrupção. Vai à biblioteca, pois é um espaço que não permite conversa, assim, não é necessário explicar sua deficiência auditiva. Quando Pedro tenta paquerá-la, ela tenta se livrar dele. Porém, a insistência dele a faz sentir-se bem e aceitando a sua presença.

Bibliotecária – Através das ações com a caneta demonstra impaciência com o trabalho, o silêncio e a rotina do dia a dia, inclusive, deixa transparecer isto ao atender Pedro que estava todo atrapalhado (sua ação com a mochila e não saber como encontrar o livro na biblioteca, o papel rasgado na mochila). Porém, ao perceber a relação entre o casal, cria uma simpatia e interage com a situação.

Assim, iniciamos os planos narrativos em função da manipulação e competência do personagem para agir.

Pedro manipula a bibliotecária para conseguir achar o seu livro. No caso, a falta de competência para encontrar o livro é a manipulação para a bibliotecária ajudá-lo. Este é o plano narrativo 1.

Quando Pedro entra na biblioteca para ler o livro, encontra Amanda e então seu plano Narrativo 1 começa a sair da linha do desejo e surge o plano Narrativo 2, pois ele começa a desejá-la em função da sua disjunção com o namoro. Então para realizar o percurso do plano narrativo 2 ele precisa manipular Amanda. A biblioteca está vazia e ele se senta do lado dela, fugindo da representação social vigente que colocaria a pessoa perto dela e não ao lado. Para que ele inicie a conversa com ela, é preciso que tenha competência para isso. Então cria uma ação: a falta da caneta. Porém, ela não aceita a manipulação e aponta o fone de ouvido. Ele não se dá por vencido, e cria o gesto para se comunicar. Amanda aceita a manipulação e lhe entrega a caneta. Pedro, então, inicia uma conversa para ampliar a competência e entrar na performance, porém, ela o impede em função das regras do espaço, pois mesmo com a biblioteca vazia não poderiam conversar. Pedro usa sua competência para manter a manipulação e o jogo entre ele e Amanda, e usa o post it. Assim, consegue manter o diálogo. Outros dias se sucedem, porém, o plano narrativo de Pedro é mantido até o final, e mesmo quando descobre a deficiência auditiva de Amanda, não vê problema nisso.

Com relação à Amanda, podemos fazer uma análise dentro do texto, de que a mesma possui certo preconceito com sua própria deficiência, pois vai a uma biblioteca



para ler, e usa o fone de ouvido desligado só para não ter pessoas conversando com ela. Isso não é subjetivo, mas objetivo, e se encontra no texto em função das ações dos personagens.

Quando Pedro tenta manipulá-la para conversar, ela está em seu plano narrativo 1: ler o livro, por isso está na biblioteca. Ele tenta conhecê-la, saindo de seu plano narrativo inicial, mas ela não aceita. Porém, no terceiro dia, quando ela volta e senta ao seu lado, responde à manipulação feita por ele, ocorrendo a mudança de seu plano narrativo de 1 para o plano narrativo 2, sua disjunção com a aceitação. Mostrar a Pedro que tem problemas auditivos é a sua performance para ir, ou não a sanção final: ter a conjunção com Pedro, que a aceita.

A Bibliotecária vive o seu plano narrativo 1: o desgosto com o trabalho. Ao ver a relação de Amanda e Pedro, migra deste plano narrativo, pois é estimulada a desejar o silêncio, ao mesmo tempo que simpatiza com a relação dos dois.

Podemos resumir esta ideia da seguinte forma:

Pedro	Amanda
PN 1 – Livro/biblioteca	PN 1 – Proteção de sua deficiência
PN2 – Paquera com Amanda	PN2 -Busca aceitação de Pedro

Observe que não estamos usando da subjetividade para criar estes planos, e sim, buscando no texto estas ideias, no roteiro.

Roteiro - Love Language – Com plano Narrativo

Sequência 01 – Cena 01 – Rua- Ext/dia

Pedro em seu Plano Narrativo 1 – Pedro meio irritado andando na rua com a mochila nas costas indo para a biblioteca. Ele caminha com cadarço desamarrado, para e amarra o cadarço.

Sequência 02 – Cena 01 – Biblioteca- Int/dia

Credito - Dia 1

Amanda no seu Plano Narrativo 1 (proteção). Amanda sentada estudando concentrada com o fone no ouvido na biblioteca.



Pedro em PN1 -Pedro entra na biblioteca, vai até a bibliotecária, procura algo na mochila. Tira um papel todo amassado com o nome do livro e pede por ele. A bibliotecária aponta para onde o livro se localiza. Ele entra na biblioteca, vai até a bibliotecária,

Ele observa o local do livro e também a menina sentada, olha para ela e sorri. (*inicia a mudança entre o plano narrativo 1 para o plano narrativo 2*) Amanda nem olha para a cara dele. (*sem mantém no seu PN1*) Pedro pega o livro e olha em volta e não há ninguém na biblioteca, apenas Amanda. Pedro pega o livro e se senta do lado dela. (*manipulação e competência*) Amanda o olha com estranhamento. (*medo de sair de seu PN1*) Ele olha para os lados procurando algo.

Pedro– Me empresta uma caneta?

Amanda aponta os fones, então ele diz fazendo gestos.

Pedro– Uma caneta?

Amanda abre seu estojo e lhe empresta a caneta.

Pedro– Obrigado!

Sequência 02 – Cena 02 – Biblioteca- Int/dia

Credito - Dia 2

Ele na biblioteca esperando que Amanda chegue. Depois de muito esperar, ela chega, e senta longe dele. A biblioteca está vazia (ela se mantém no PN1), esse momento é importante, pois ele sentou na mesmo lugar fica desiludido com a ação dela sentar em outro lugar, mas não desiste.

Pedro– O que você está ouvindo?

Ela aponta pro fone de ouvido novamente não demonstrando interesse na conversa. Ele insiste e decide escrever. Abre a mochila pega um post it e escreve:

“O que é que você está ouvindo?”

Ela olha o papel e sorri surpresa. Pega o post it e escreve:

“Uma música especial”

Pedro não podendo falar usa sua competência para usar o Post it

Começam a conversar por post it. E vão se acumulando na mesa da biblioteca

A bibliotecária olha para eles de rabo de olho. *Ela esta no seu PN1*

Pedro depois de um tempo ele escreve:

“Eu adoraria te ver de novo, me passa seu telefone?”

Amanda responde.



“Não. Eu não tenho.”

Pedro :“Sério. Que mentira terrível!”

Eles riem. A bibliotecária cola um post it sobre os outros dizendo: “SILÊNCIO” e os olha com reprovação e sai. Eles ficam constrangidos e riem da situação.

Continuam conversando pelo post it e ele escreve:

“Te vejo amanhã, então. =)”

Amanda sai.

Sequência 02 – Cena 03 – Biblioteca- Int/dia

Dia 3

Ele chega novamente cedo e a espera ansiosamente. Amanda chega toda molhada guardando o guarda-chuva e cola um post it no livro dele e se senta do lado dele. .

“É bom te ver de novo!”

Percebemos aqui uma ação o que significa uma mudança no comportamento dela que começa a sair do PN1 para o PN2

Ele escreve: “Você está atrasada.”

Ela observa suas roupas encharcadas e ri.

Continuam conversando e rindo. Ele cola um post it no ombro dela e ela um em sua testa, e assim vão colando em vários lugares. A bibliotecária os observa e sorri ao notar o clima.

Amanda escreve:

“Você ainda quer ouvir minha música?”

É a performance que ela faz que pode gerar a sanção ou não

Ele responde: “Quero. =)”

Amanda passa os fones para ele.

Pedro coloca os fones, mas não escuta nada.

Pedro– Que estranho! Eu não ouço nada.

Amanda diz que é surda em libras.

Momento que tanto o plano narrativo 2 dele quanto o plano narrativo 1 dela se encontram (querer / poder; querer/ fazer)

Pedro escreve: “Você ainda é linda!”

Amanda o olha, e os dois rostos se aproximam.

Neste momento a bibliotecária afasta seus rostos e pisca para a câmera de fundo Pedro e Amanda se beijam..



FIM

Convidamos os atores e lhes entregamos os textos. Após a leitura, convidamos cada um separadamente, para falar o que achava do texto, assim, não se influenciariam. Com base nos pontos de vista dos atores, definimos os planos narrativos e realizamos uma reunião com todos, mostrando e debatendo os planos, e então fechamos a visão do roteiro. Como cada um sabia o que seu personagem tinha de junção e disjunção, e o momento em que os planos narrativos mudavam, possibilitou-se uma interpretação mais aprofundada do que o texto apresentava. Depois da gravação do curta, realizamos uma entrevista com os atores sobre a utilização dos Planos Narrativos nos ensaios. As perguntas foram:

- 1 - Num primeiro contato com o texto, você prefere que a leitura seja feita pelo diretor, ou por você? Por quê?
- 2 - Você se sentiu livre para criar o personagem, ou acabou se prendendo ao roteiro?
- 3 - Quando foram apresentados os planos narrativos você se sentiu mais seguro? Em que sentido?

Entrevistas atores

Lucas Galho – Ator que interpretou Pedro.

1. Eu prefiro fazer uma prévia leitura em casa e depois ler com o diretor para que ele possa expor suas ideias e eu já tenha condições de colocar as minhas impressões.
2. Senti-me livre, pois não havia muitas indicações do personagem no roteiro e os diretores nos deixaram bem à vontade para a criação.
3. Sim, pois antes as coisas eram muito amplas e soltas, e após a apresentação dos planos narrativos já era possível criar dentro do que era possível, já sabendo exatamente o que deveria ser feito.

Sirlei Karczeski – Atriz que interpretou a bibliotecária .

1. Pelo diretor porque já fico sabendo a intenção do texto... Às vezes leio e interpreto de uma forma que não é nada daquilo.
2. Senti-me livre, mas com pouco tempo... Acho complicado falar em processo de criação em filme.



3. Comecei a ter segurança só a hora q estava quase terminando a gravação...É estranho, mas quando você está começando a encontrar o caminho do personagem já está na hora de acabar com ele.

Carol – Atriz que interpretou Amanda.

1. Por mim. Para que eu possa ter um primeiro contato sozinha, tentando visualizar a personagem.
2. Senti-me livre, entendi a proposta e busquei uma personagem independente do texto.
3. Ajudou a entender as ações da personagem, seus motivos e o personagem Pedro também foi bom conhecer não a historia de vida, mas seus desejos.

Conclusão

Acreditamos que este casamento entre a semiótica francesa e a direção de atores seja algo possível, porém, necessita de mais estudos para dar continuidade a esta ação. Para nós, como alunos, foi importante ter este conhecimento e poder utilizá-lo. Nem sempre temos tempo de ensaiar, preparar os atores como desejamos, mas acreditamos que o plano narrativo pode ser entendido e utilizado como uma ferramenta a mais para que diretor e equipe possam compreender o texto da melhor forma. Sabendo como o texto diz, quais os planos narrativos, o diretor e a equipe podem brincar com isso. Sabendo dos planos narrativos de Pedro e como ele vai agir em cada momento foi importante para realizar a direção dos atores e buscar uma melhor interpretação. Na mudança do PN1 para o PN2 pedimos ao ator mudança de atitude corporal, usar planos que possibilitem apresentar ao público uma melhor adequação entre o que ele deseja e passa a desejar. Em que momento existe a manipulação de seu personagem para conseguir o desejo. Qual a competência que precisou ter para executar esta ação e quando será sua performance que deverá apresentar ao público se o personagem conseguirá a sanção ou não. Deixamos em aberto a possibilidade de continuar os estudos e ampliá-los para a escolha dos planos cinematográficos que podem ser realizados usando o percurso gerativo de sentido, este é o alvo de nossa futura análise acadêmica dentro do grupo de pesquisa.

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, M: **Estética da criação verbal**, São Paulo, Martins Fontes, 2004.
BARTHES, R: **O Prazer do Texto**. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1977.
COMPARATO, D: **Da criação ao roteiro**. São Paulo, Summus, 1983.



- FIELD, S: **Manual do Roteiro**. Rio de Janeiro, Objetiva, 1995.
- FILHO, D.: **O Circo Eletrônico: fazendo TV no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- GREIMAS, A: **Semântica estrutural**. São Paulo, Cultrix/EDUSP. (1985).
- HERTZ, D.: **A história secreta da Rede Globo**. 14ed. São Paulo: Ortiz, 1991.
- HJELMSLEV, L: **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. São Paulo, (1975).
- MOSS, H: **Como formatar o seu roteiro**: Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.
- PEIRCE, C. S: **Semiótica**, São Paulo, ed. Perspectiva, 3.ed., 2000
- RODRIGUES, C: **O Cinema e a Produção**. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007
- SAUSSURE, F: **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2007
- BAKHTIN, M: **Estética da criação verbal**, São Paulo, Martins Fontes, 2004.
- BARTHES, R: **O Prazer do Texto**. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- COMPARATO, D: **Da criação ao roteiro**. São Paulo, Summus, 1983.
- FIELD, S: **Manual do Roteiro**. Rio de Janeiro, Objetiva, 1995.
- FILHO, D.: **O Circo Eletrônico: fazendo TV no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- GREIMAS, A: **Semântica estrutural**. São Paulo, Cultrix/EDUSP. (1985).
- HERTZ, D.: **A história secreta da Rede Globo**. 14ed. São Paulo: Ortiz, 1991.
- HJELMSLEV, L: **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. São Paulo, (1975).
- MOSS, H: **Como formatar o seu roteiro**: Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.
- PEIRCE, C. S: **Semiótica**, São Paulo, ed. Perspectiva, 3.ed., 2000
- RODRIGUES, C: **O Cinema e a Produção**. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007
- SAUSSURE, F: **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2007